

NO ÊXITO INFERNAL O MALDITO CAÇUÁ PETRIFICA A ALMA DE MARIA ASSUNÇÃO NO ROMANCE CANDUNGA 1954

IN THE INFERNAL SUCCESS THE DAMN CAÇUÁ PETRIFIES THE SOUL OF MARIA ASSUNÇÃO IN THE ROMANCE CANDUNGA 1954

Laura Maria Silva Araujo Alves 1
Leomax Cardoso Machado 2

Resumo: O trabalho tem como objetivo analisar a infância e criança de Maria Assunção, no romance *Candunga 1954*, de Bruno de Menezes (1893-1963), sob a égide da violação, exploração e barbárie na/da infância, no processo de migração bragantina, dos anos 30 a 50, do séc. XX no Pará. A pesquisa centra-se sobre o método dialético, cunho documental, qualitativo, sobre as bases social de Lüdke e André (1986) e da análise do discurso de Bakhtin. O guia teórico, envolve os estudos da crítica literária, romance, literatura, educação, história da infância e discurso, em Lukács (2015), Bakhtin (2003a, 2010b, 2015c), Racière (2005), Rizzini (2011), Marcílio (2019), Torzoni-Reis (2002), Coelho (2005), Sarge (2000), Menezes (1993). O estudo, ajuda a refletir, contextualizar as mentalidades do passado, sugerir e (re)construir novas sugestões para enxergarmos à infância e a criança como ser social, cidadão, livre e digno de direitos.

Palavras-chave: Educação. Infância. Criança. Ficção. Amazônia.

Abstract: Abstract: The work aims to analyze the childhood and child of Maria Assunção, in the novel *Candunga 1954*, by Bruno de Menezes (1893-1963), under the aegis of rape, exploitation and barbarism in/of childhood, in the process of migration from Bragantina, from the 30s to the 50s, from the 19th century. XX in Pará. The research focuses on the dialectical method, documentary, qualitative nature, on the social bases of Lüdke and André (1986) and Bakhtin's discourse analysis. The theoretical guide involves studies of literary criticism, novels, literature, education, childhood history and discourse, in Lukács (2015), Bakhtin (2003a, 2010b, 2015c), Racière (2005), Rizzini (2011), Marcílio (2019), Torzoni-Reis (2002), Coelho (2005), Sarge (2000), Menezes (1993). The study helps to reflect, contextualize the mentalities of the past, suggest and (re)construct new suggestions to see childhood and children as social beings, citizens, free and worthy of rights.

Keywords: Education. Infancy. Child. Fiction. Amazon.

- 1 Prof^a. Dr^a. Laura Maria Silva Araújo Alves, Psicologia, professora Associada IV da Universidade Federal do Pará e pesquisadora na História da Infância na Amazônia paraense na Universidade Federal do Para (UFPA), Instituto de Ciências da Educação (ICED) do Programa Pós-Graduação em Educação (PPGED). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6009592378453661>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2936-605X>. E-mail: laura_alves@uol.com.br e lauramsaalves@ufpa.br
- 2 Prof. M.e. Leomax Cardoso Machado, doutorando na Universidade Federal do Para (UFPA), Instituto de Ciências da Educação (ICED) no Programa Pós-Graduação em Educação (PPGED), sob a linha de pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade, sobre a orientação da Prof.^a Dra. Laura Maria Araujo Alves – (ICED-PPGED/UFPA), bolsista CAPES (Doutorado). Participa do Grupo de Pesquisa – Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação e Infância na Amazônia (GEPHEIA - UFPA). Além de ser Professor Associado - ANPED – (2022), Mestre em Educação – PPGED/CCSE - UEPA (2017) sob a linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Graduado em Letras- Língua Portuguesa (UFPA) e Graduado em Pedagogia (Uniassevi-2021). Atualmente, Prof. do Magistério Superior – (Professor Substituto), no Campus Universitário de Castanhal-UFPA - Castanhal, lotado na unidade da Faculdade de Educação - FAPED (2024). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4841817702821232>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1867-3890>. E-mail: leomaxmachado@gmail.com e leomax.machado@cameta.ufpa.br

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar o êxito infernal da exploração, violação e barbárie na personagem Maria Assunção, no romance *Candunga* 1954, de Bruno de Menezes, (1893-1963)¹. Neste sentido, se faz necessário mencionarmos que as sugestões indagativas, são parte de nossas investigações em andamento das pesquisas de doutorado no PPGED-ICED-UFPA2.

O romance nos quais nossas indagações se sustentam, giram em torno dos homens e mulheres em condições desumanas, seres que (re)criam teias de relações de sobrevivências, resistências e lutam contra as opressões em nossa sociedade. Atitudes personificadas por meio da ficção e realidade ao expressarem em seus modos de agir, pensar, refletir, indagar, silenciar, coagir, gritar, respirar, (re)criar, estar e repelir nos “mundos”, de uma Amazônia paraense. Sobre o processo de exploração de sua mão de obra, corpo, alma, as estratégias de alienação são narrativas de poderes e opressões das mais diversas e perversas formas de condicionalidades e explorações. Neste artigo, são pontos e contrapontos na personagem Maria Assunção.

A luta por sobrevivência, causa o descontrole sociocultural e econômico das classes em conflito. O fenômeno de violação migratória, ultrapassam as fronteiras geográficas, naturais, psíquicas e físicas de convivências humanas. Seus atos de exploração, escravização, violação e barbárie, faz surgir a seguinte indagação: A metáfora do Caçua, reflete as mentalidades (in) visíveis e silenciadas dos abusos e violações da infância e criança no romance *Candunga* 1954? O universo da Amazônico paraense do sec. XX ainda é um reflexo de abusos e barbárie em nossa contemporaneidade? No sentido de sugerirmos respostas, sobre o corpus de análise do romance *Candunga* 1954, de Bruno de Menezes. Há de se definir, os horizontes do tempo e espaço, que versam os anos 30 à 50 do séc. XX, no universo paraense.

Sobre as bases da Teoria do romance², educação, história da infância e análise do discurso, tidos como leituras e percepções essenciais na condução desta investigação. Para Lukács (2015, p. 124) “a vida faz-se criação literária, mas com isso o homem, (se torna) ao mesmo tempo o escritor de sua própria vida e o observador dessa vida como uma obra de arte criada. Essa dualidade só pode ser configurada liricamente”. A heroína em (des)caminho, crise, desequilíbrio, saga, conflito, superação, dor, ódio, trauma, segue seu protagonismo, um heroína, um ser, da “[...] alma maior que o mundo e que a desilusão é a riqueza da alma, renuncia a todo papel na configuração do mundo exterior [...]” (Lukács, 2015, p. 123).

Racière (2005, p. 15) define “a partilha do sensível” em que o tempo seria a sensibilidade de percebermos o “comum partilhado e partes exclusivas, lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determinam propriamente a maneira como um comum se presta a participar e como uns e outros tomam parte nesta partilha”. Em um “século perdido”, segundo Rizzini (2011, p. 20) é a “[...] discussão do significado social de que foi revestida a infância na passagem do regime monárquico para o republicano [...]”, situa que a demonstração de exploração, violação e barbárie, passam a ser partilhados por Maria Assunção, no romance *Candunga* 1954.

As leituras de Bakhtin (2003a, 2010b e 2015c), são tidas como narrativas ficcionais contextualizadas a partir do “chão amazônico” e serve-nos como guia enquanto concepções de leituras e análises. Bakhtin (2010, p. 238) reforçar que “a formação (transformação) do homem, [é] o grau de assimilação do tempo histórico real”, o “Romance de Formação” é, a “transformação

1 “Bruno de Menezes ou, se preferem, Bento Bruno de Menezes Costa não é apenas um grande escritor amazônico. É o símbolo genuíno da inteligência paraense”. (Menezes, 1993, p.18). É o poeta da negritude amazônica, Afro-Brasileira, nascido em Belém, 21/03/1893 – falecido em Manaus, 02/07/1963, foi animador do grupo literário Vândalos do Apocalipse (depois Grupo do Peixe Frito e Academia do Peixe Frito), anarquista, modernista, pioneiro da economia solidária (cooperativismo) na Amazônia. Nos deixou o legado de sua intelectualidade nos seguintes gêneros: Poesia, Crucifixo (1920), Bailado Lunar (1924), Poesia (1931), Batuque (1931), Lua Sonâmbula (1953), poema para fortaleza (1957), Onze Sonetos (Prêmio cidade de São Jorge dos Ilhéus – Bahia-1960). (Menezes, 1993, p.12). No Folclore: Boi Bumbá-Auto Popular (1958), São Benedito da Praia – Folclore do Ver-o-Peso (1959). (Menezes, 1993, p.12). Nos Estudos literários: À margem do “Cuiá Pitinga” (estudo sobre o livro de Jacques Flores (1937). (Menezes, 1993, p.12) e por fim, na Ficção: Maria Dagmar (Novela-1950), Candonga (Romance prêmio “Estado do Pará”- 1954) (Menezes, 1993, p.12)

2 Instituto de Ciências da Educação (ICED) no Programa Pós-Graduação em Educação (PPGED), sob a linha de pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade, sobre a orientação da Prof.ª Dra. Laura Maria Araujo Alves – (ICED-PPGED/UFPA).

da[o] personagem principal”, dessa forma, o que as separa é o “grau de transformação da[o] personagem”, variando-o de acordo com o grau de assimilação no/do tempo histórico e social.

Neste sentido, a pesquisa centra-se sobre o método dialético, com o tipo de investigação de cunho bibliográfico, documental, qualitativo, sobre as bases metodológicas e as análises do discurso bakhtiniano. Lüdke (1986, p.15) define “geralmente [que] o pesquisador desenvolve a sua investigação passando por três etapas: exploração, decisão e descoberta”. Para Lukács (2015, p. 83), essas etapas os levam geralmente a encontrar “as fronteiras fluidas [...] há uma série infindável de elos intermediários que vai do materialismo histórico até as formas teóricas de expressão da mais superficial das esferas imediatas da circulação”, são complexidades interpretativas que se define pela análise e proposições escolhidas pelo investigador, sobre ato de investigar.

Bakhtin (2015, p. 47) afirma que “[...] a orientação dialógica do discurso entre discursos alheios (de todos os graus e qualidades do alheios) criam possibilidades novas e essenciais do discurso literário, seu peculiar potencial de prosa literária, que encontrou sua expressão mais plena e profunda no romance”. Por essa razão, Bakhtin (2015) destaca que nas manifestações de dialogicidade interna do discurso (à diferença do diálogo externo composicional) que aqui examinamos, a partir da atitude, das falas, as faces das palavras, do eu e outro no texto são competência de seus estilos enunciativos dos falantes no texto. O estilo inclui organicamente indicações externas e correspondências dos seus elementos com elementos dos contextos dos outros. Parafrazeando Bakhtin (2015), a política interna dos estilos (a combinação de elementos) é determinada por sua política externa (pela relação com a palavra do outro). É como se as palavras vivessem nas/das fronteira dos meus contextos e dos contextos dos outros.

Ressalta Bakhtin, (2015, p.57-58) ao dizer que a réplica de todo “diálogo real também leva essa vida dupla: ela é construída e assimilada no contexto de um diálogo integral, construído pelo (ponto de vista do falante, o emissor) enunciações e pelas enunciações do outro (do parceiro, o receptor)”. Define que entre ambos há interação social, discursiva e dialógica. Afirma que “não se pode retirar a réplica desse contexto mesclado de palavras eu e do outro, sem perder o seu sentido e o seu tom. Ela é parte orgânica do todo heterodiscursivo”.

No entanto, é sobre essa manifestação dialógica, discursiva, de enunciados do falante que neste caso, a protagonista Maria Assunção, no romance anuncia sua narrativa, seu discurso, seus enunciados que são manifestados por sua fala no texto, sobre outras falas que se manifestam sobre uma polifonia existencial e discursiva, que nos levam entender, compreender e reconhecer os falantes dos discursos. O que este diz, anuncia, provoca, afirma, nega, o dito e não dito enquanto discurso, denuncia, defende enquanto ideologia, debate em suas interações, que replicadas com frequências, se tornam vivas pelas falas, nas entrelinhas das palavras, no discurso alheio, do outro, no contexto de fala. E a ficção é um exemplo dessa polifonia existencial em suas personagens frente as narrativas no romance.

Por fim, este trabalho, guia-se sobre a introdução, dois tópicos, um que versam sobre “a triste condição de párias” e “o maldito caçua”, seguidas dos resultados e discussões, além das considerações e referências.

A triste condição de párias

O processo de tomadas de terras e comercialização fundiária sustentam o estado, o comércio, os grandes latifundiários, criam seus currais eleitores nas colônias agrícolas, povoados, vilas, cidades em plena república. Os “magnatas da ‘vila” (Menezes, 1993, p. 137), é o reflexo da classe trabalhadora, segundo Torzone-Reis (2002, p.10), explica que:

[...] a classe trabalhadora no início da industrialização no Brasil apontam dois aspectos para a compreensão da constituição da classe trabalhadora: a imigração e a migração. Os imigrantes, principalmente europeus, vieram trabalhar no meio rural e, posteriormente, no meio urbano. Os migrantes, principalmente nordestinos, substituíram-nos quando a imigração sofreu refluxo significativo. Com experiências históricas, sociais e políticas diferentes, imigrantes e migração

foram grupos importantes na formação das classes populares urbanas no Brasil.

O retrato dessa condicionalidade vibram no “[...] final do século XIX não foi para Belém um período somente de brilho e euforia, dos quais seus habitantes participaram com entusiasmo. Os excluídos dos banquetes governamentais eram inúmeros, e a literatura nos ajuda a revelar essa parte da história da cidade” (Coelho, 2005, p.28). Em *Candunga 1954*, essa realidade é descortinada e atravessada pelas dores, perdas e tragédias humanas. Essa “crise” alcança o séc. XX. Segundo Sarge (2000, p.35), pois menciona que “[...] a crise do século XX não é essencialmente social, é sobretudo histórica. Essa crise histórica atingiu diretamente a relação de mando e poder, instaurando-se um vácuo no poder, um afrouxamento das relações de mando que disciplina a sociedade.” Porém, esse “afrouxamento” não alcança as “mentalidades” de sujeitos que vivem no interior da Amazônia paraense. Por essa razão, as forças, os poderes e as influências, são vista sobre o romance e faz surgir os personagens:

João Portuga, Salomão Abdala, Minervino Piaui, monopolizam toda a atividade comercial do povoado. O milho, o arroz, o feijão, a farinha, a fibra, a madeira, a lenha e o carvão, que saem dali, não têm outros donos senão eles.

Essa forma de negócio se tornara hábito comum. O agricultor não dispõe de crédito e nem de capital para a produção de suas culturas. Precisa comer, vestir, comprar remédios solver compromissos, manter a família e ainda cultivar a terra com as lavouras costumeiras (Menezes, 1993, p. 115).

A esse perfil de migração nordestina e mão de obra barata, no romance são os opressores de Gonzaga e Candunga, pois se veem a merce dessa condicionalidade, se embrenhando na mata e no trabalho, não conseguem manter o mínimo para sua sobrevivência e base familiar. Realidade muito comum à época, em destaque no romance, são retratadas em forma de ficção romanesca as realidades de diferentes regiões de nosso Brasil. Sarge (2000, p.58) define que “[...] uma classe de homens políticos e burocratas formada por nacionais; comerciantes, basicamente portugueses; os profissionais liberais, geralmente de famílias ricas e oriundo das universidades europeias. Esta era a composição da elite dominante [...]”. Sobre a elite paraense, acrescenta que:

[...] todas essas transformações econômicas e sociais que se operaram no interior da sociedade paraense, quicá da sociedade amazônica, vão ser duramente atingidas com a queda do preço da borracha mundial entre os anos de 1911 e 1914. [...] a crise se manifestou nas falências de casas aviadoras, na queda de produção dos seringais, no caos das finanças públicas. No plano social, a pauperização da população, a deposição social de famílias instaladas com base no aviamento da borracha; o prestígio desse grupo começou a deslocar-se para os grandes comerciantes de castanhas e da extração madeireira, embora os pecuaristas latifundiários marajoaras tenham acentuado sua influência sobre a administração republicana (Sarge, 2000, p. 58-59).

A “nova” ordem política, econômica e social, versam sobre o fenômeno da do fluxo de migrações, que se deu em meados dos anos 60 e 70, do séc. XIX no Pará. Narrativas ressaltadas sobre o pepel da migração de nordestino em Belém, capital da província do Pará. Dessa forma, inúmeros migrantes nordestinos se lançam em fuga, por medo e formas de fugir da estiagem da seca no sertão nordestino. Sarge (2000, p.89) destaca que “[...] com a necessidade de mão-de-obra para trabalhar nos seringais provocou um êxito de nordestinos, engrossando o contingente de pessoas, desta forma, para um elevado número de subempregados e também desempregado na capital do Pará.”

No romance, esse “fluxo” ou “fenômeno migratório”, se passa no romance *Candunga 1954*,

de forma crítica, apontando a crise de mentalidade, da exploração, da miserabilidade humana. Aos passos de uma cultura de perdas, dores e violações de toda ordem que passemos a classificá-los, sobre os adjetivos diversos, tais como: “povos”, “classe” de (in)visíveis, pobres, miseráveis sobre [...] o chicote de um sol em brasa tangêra-se dos sertões nativos. (Menezes, 1993, p. 103), surgem os “[...] Hebreus nordestinos, [...] Os ficus-benjamim citadinos [...]” (Menezes, 1993, p. 104). Por serem assemelhados aos estereótipos de “[...] Descendentes da raça Martir.” (Menezes, 1993, p. 105), a “prole infeliz” (Menezes, 1993, p. 107) segue os “[...] flagelados.” (Menezes, 1993, p. 107).

Há quem o chame de “[...] povo cigano. “(Menezes, 1993, p. 108) e sua mais nova terra, pedaços de chão, em “[...] outro habitat [...]” (Menezes, 1993, p. 108), pensam “[...] silenciosos, ruminando sabe lá que pensamento, talvez cismem com o torrão sempre amado e cada vez mais hostil.” (Menezes, 1993, p. 109). Eram os novos agricultores “[...] retirantes,” (Menezes, 1993, p. 109) “[...] os pobres diabos” (Menezes, 1993, p. 110), “os imigrantes” [...] desabrigados, friorento. [...]” (Menezes, 1993, p. 113), os “sem pouso e humilhados ansiosos” (Menezes, 1993, p. 114), visto como sombra, desalmados uma “[...] miragem dos nordestinos migradores.” (Menezes, 1993, p. 115). Em uma “[...] tristes condições de párias³, [...]” (Menezes, 1993, p. 119) “os patrícios [...] segue sobre uma [...] marcha infernal,” (Menezes, 1993, p. 120-121), “[...] os paióis” (Menezes, 1993, p. 165) e os “[...] patifes.” (Menezes, 1993, p. 171)

Segue a lida, “[...] vem de abandonados pontos do nordeste, rumo ao sonhado Pará.” (Menezes, 1993, p. 103). Seguem os determinismos de sua sorte, “[...] dizem adeus ao berço natal, porque chegaram à Terra da Promissão.” (Menezes, 1993, p.103). “[...] assim, numa pungente irrisão dos fatos, êles, que fugiam espavoridos, antes um sol cruel e um céu que se algodoava em cirrus, ao depararem a ambicionado oásis, na terra hospitaleira, o aguaceiro imprevisto, de um desabar de ninhos.” (Menezes, 1993, p.106).

Novo “habitat” (Menezes, 1993, p. 108), “[...] na terra adotiva e esperançada”, (Menezes, 1993, p.113). Sobre a “[...] região acolhedora, o fogo do céu não calcina tanto, nem abate a fôrça seivosa da natureza, e há densos copados verdes, marulham linfas correntes, mesmo quando o verão diminui a intensidade das chuvas.” (Menezes, 1993, p. 113). O grupo de Gonzaga, em seu lote de terra, reverbera um tempo e espaço significativo ao norte:

[...] com a neblina caída à noite, o mato cerrado molha a roupa para o dia todo [...] tudo isto concorre da galharia, do corte do cipóal. Da tiririca braba, para vencer o mato agressivo. Num velho surrão esfiapado conduzem a matalotagem de jabá torrada com farinha sêca, para o almoço escoteiro. E calculado as horas da fome, pela trajetória do sol, rosto curtidos e suarentos, só por extrema necessidade de alimento, se achergam à fresca da ramaria, para mastigar um bocado. Comem calados e recolhidos, cada qual com os seus pensamentos. [...] Desconhecedores dos valores de nossas essências florestais (Menezes, 1993, p. 119-120).

Ao Norte, do país, traçam uma realidade, nunca antes vista pelos nordestinos, sobre os espaços e tempos, no novo lugar(es). Uma realidade e mentalidade outra, alienada pelas narrativas de exploração, violação e barbárie, os condenados da terra segue sua prole, saga infernal:

[...] natureza, de que o homem se tornara inconsciente carrasco.
- “E’ chuva da boa! ... É água de verdade! ...” - repetem transfigurados.
[...]

3 Pária. pá.ri.a’ou parje, nome de dois gêneros: 1. termo indiano que, segundo o antigo sistema de castas, pertencia à casta mais baixa, sendo segregado pela sociedade e privado de todos os direitos religiosos. 2. termo figurado, pessoas marginalizadas ou excluídas pela sociedade. Há de ressaltar que no sistema hinduísta, indivíduo sem casta, considerado inferior, desprezível. Seria então o indivíduo que vive marginalizado ou excluído da sociedade: “Há muito me haviam sonogado a língua, a terra, o patrimônio comum [...]. Um pária que não contava com a herança do pai. Fonte consultada no site: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/p%C3%A1rias> acesso em 19 de junho de 2023, as 15:03.

Em seguida, estrondam trovões distanciados, como bocejos de monstros irritados, despencando-se um tufão desenfreado, com chuva e ventania. Sem dar tempo de se abrigarem, cai o temporal com tal violência, como se arrastassem pesadas carretas pelas nuvens. Raios flamíneos rasgam o telão do céu e a chuvarada enxarca a terra (Menezes, 1993, p. 122).

Tempos e espaços de uma perfil e nuclear familiar, em (des)caminho. O fluxo migratório de nordestinos às terras úmidas do norte, sua dualidade de circunstâncias climáticas, solos, faunas, gentes, culturas, imaginários, técnicas, aprendizagens coadunam sobre a esperança do sol à chuva, das terras secas às terras úmidas, do solo morto ao solo rico e fértil, cheio de vida. É a metáfora dos modos de vida, frente as distintas regiões em nosso país em descoberta. No romance *Candunga* (1954), as narrativas denunciam, afligem a alma, manifestam gritos, dores, perdas, desencanta e descreve as forças de resistências dos movimentos e grupos de trabalhadores contra os sistemas de condutas, modos, formas de explorações humanas e suas múltiplas faces silenciadas, (in)visíveis e suprimidas pelas formas do capital, reverberando todo tipo de violações físicas, psíquicas, materiais, simbólicas, estruturais no ser e do ser humano em seus tempos e espaços, dos anos 30 a 50 no Pará.

Gente, (in)visíveis, nas margens e sobre o processo de silenciamento, apagamento de memórias socioculturais de uma sociedade que grita sobre as forças das mentalidades em crise de consciência. Ao narrar o processo de migração e descortinar os níveis de opressão, condicionalidade do opressor frente as faces dos oprimidos, os surtos de misérias, doenças, escravizações, são sufocados até a morde, não lhe restando nenhum simples suspiro de vida. Há de se notar que “[...] redefiniram-se os papéis atribuídos às crianças e às mulheres, elementos centrais dessa estratégia de modelação de classe trabalhadora pobre, que, na “representação dos dominantes, apareceu associada à imundice, à doença, à degeneração moral e ao enfraquecimento da raça” (Sarge, 2000, p29).

Exemplo dessa manifestação são os “Grupos de migrantes”, famílias, pessoas, gentes, descritas no romance, que vivem sobre as barbáries humanas. Recorremos ao olhar o protagonista do romance e compreenderemos a sua saga, ambiente, histórias, dramas e tramas, contados pelo enredos que perfilam sua saga de personagem sobre o grupo de famílias de retirantes, nos quais, se destacam a família ou grupo de Gonzaga. Fazendo parte dessa prole familiar, o agregado Antonio Candunga e Maria Assunção, o seu tio Francisco Gonzaga (esposo de Tereza), Tereza (esposa de Gonzaga) e as filhas, Ana e Josefa. São personagens que perfazem a “união” de uma família e valores decadentes, em crise do séc. XX.

Representação de uma mentalidade de sociedade, valores, família em crises sociais. Porém o que nos interessa neste momento é compreender a agregada Maria Assunção em exploração, silenciamento e violação de sua dignidade humana. Em meio a toda essa tragédia, os tempos obscuros da infância e criança em silêncio mortal aparecem.

O maldito caçuá⁴

“O Poder do pater familis,
hoje em dia,
è muito relativo.”
(Menezes, 1993, p. 195)

A epígrafe, sugere modos de pensar os pais de famílias, a família e os valores em grupos familiares em nossa contemporaneidade. Sobre o olhar do romance em contexto do séc. XX. O poder de família ou de pais de famílias estavam em crise universal, o que certamente sugere à agregada Maria Assunção. Percebemos frente ao romance as decaídas, perdas, dores, lembranças, fomes, misérias, doença, o ser criança e a barbárie da infância tecem as narrativas sobre Maria Assunção,

4 Significado de caçuá. O que é caçuá: Cesto de cipó, taquara ou vime, fasquias de bambú para colocar na cangalha nas costa do burro, cavalo ou jumento. Fonte consultada: <https://www.dicionarioinformal.com.br/ca%C3%A7u%C3%A1/>. Em 22 de junho de 2023, as 10:13

emergindo-se das cinzas, da morte, decepção de vida, sobre o ímpeto de força humana que lhe enche os olhos de lágrimas, condenam sua alma e destrói seu pensamento. Um corpo abatido de tanto sofre, porém a força da mulher(es), das crianças, das infâncias e do ser menina nordestina é um ponto chave de esperança frente as condicionalidades humanas, que lhes perseguem e são provocadas enquanto ser humano. Em pleno anos 30 à 50, do o séc. XX, no universo amazônico.

Rizzini (2011, p.45) afirma que:

Ao se buscar na literatura histórica referências sobre o espaço reservado à criança na sociedade brasileira do século XIX para o XX, percebe-se claramente que “a criança” que mais aparecia era aquela que, aos olhos da elite, carecia da proteção do Estado e precisava se ‘*corrigida*’ ou ‘*reeducada*’, eram os ‘*espostos*’ os ‘*orphaosinhos*’, os ‘*pobres meninos abandonados*’, as ‘*creanças criminosas*’, os ‘*menores delinquentes*’ e assim por diante. Onde constava algo relativo à infância ou à juventude, lá estava implícita a ideia de periculosidade, carregada de ambiguidade anteriormente assinalada: ou a criança personificada o perigo ou ameaça propriamente ditos (‘*viciosa, pervertida, criminosa...*’) ou era representada como potencialmente perigosa (‘*em perigo de o ser...*’)

Há de indagarmos então, se a personagem Maria Assunção faz parte desse perfil e realidade? Que filtro se usa em busca de atingir “os bens nascido” dos “não nascidos”, os jogados no mundo como excremento? Assunção seria o reflexo dessa mentalidade de sociedade sobre uma herança maldita, imposta pelo processo civilizatório, o “filtro” social que (in)visibiliza o ser, sujeito, infância e a criança em nossa sociedade. Marcílio (2019), nos ajuda a pensar sobre essa ausência social. Ao definir que:

Diante de legiões de crianças órfãs depois da Primeira Guerra Mundial, o problema deixou de ser restrito exclusivamente aos limites de uma nação e passou para a órbita internacional. Em 1924, a recém-criada Liga das Nações Unidas proclama a Primeira Carta de Direitos Universais da Criança, que será ampliada e aperfeiçoada, em 1959, com a Declaração Universal dos Direitos da Criança, da ONU. A criança ganhava, a partir de então, o status de sujeito de direito (Marcílio, 2019, p. 369).

O Romance Candunga 1954, pode se dizer então que acompanha uma temática universal de sujeitos sem direitos, porém, quais sujeitos de direitos são denunciados e questionados no romance? De quais direitos e quais tipos de sujeitos a romance traz a tona? Há de entendermos que sobre as duras condicionalidades de modos de vida e as caóticas, miseráveis realidades enque o ser humano é submetido, responde o mover-se no mundo e o sistema que tece a exploração: migratório.

Neste contexto, “Maria Assunção, integrante do grupo, nascera meses depois do casamento de Tereza, quando Gonzaga, seu marido, levava-a consigo, como objeto seu.” (Menezes, 1993, p. 100) Assunção era a irmã casula de Tereza Rosa, ambas eram órfã de mãe e pai, foram criadas pelo avô. “[...] e não houve ensejo da caçula conhecer a irmã que casara.”(Menezes, 1993, p. 100) “[...] Daí ter ficado no aconchego do lar alegre e feliz, já órfã de mãe, a “Assunção do Vovô”, como a chamava, com denguiço, o patriarca.” (Menezes, 1993, p. 100) “[...] a irmã ficara que ficara, entregue às solitudes do avô, embora sem os carinhos maternos.” (Menezes, 1993, p. 100). Marcílio (2019, p. 27) afirma que “[...] abandonar bebês é um fenômeno de todos os tempos, pelo menos no Ocidente. Variaram apenas, no tempo, as motivações, as circunstâncias, as causas, as intensidades, as atitudes em face do fato amplamente praticado e aceito [...]”.

Assunção, que crescera ao lado do avô, assistiu à luta dos seus contra a calamidade. As copas dos angicos estorricavam. (Menezes, 1993, p. 100). Realidade de miséria, seca e fome que o levou a migrar para outras regiões, junta-se a inúmeras famílias de retirantes do sertão. Assunção não sabe como chegara a Fortaleza, fazendo parte do comboio de Gonzaga. Como ocorrera aquilo,

Senhor Deus? Parecia que o drama da sêca lhe perturbava o juízo. Não se lembra de nada. Nem se o encontro com Tereza lhe trouxera alegria. (Menezes, 1993, p. 101)

[...] Candunga marchava, quando ouvira um grito de cortar a alma. Assunção de onde partira o apelo e divisara um vulto de mulher abraçada a um corpo caído, que estrebuchava, a boca escancarada, como suplicando uma fresca d'água. E o que havia, nessa hora, escorrida dos olhos dela. (MENEZES, 1993, p. 101). Candunga narra, “[...] Pedira ao padrinho Gonzaga esperasse, com a família e corra a levar socorro à mocinha que chorava.” (Menezes, 1993, p. 102) A segunda perda vem a tona, entre dores, choros e gritos de socorro, Assunção se vê fechada aos traumas que a vida lhe tem como perseguida. Antes a vida o leva seus pais, agora seu avô, só falta lhes retirar a vida. No narrar de Candunga, “[...] ao chegar próximo, deparara um corpo encarquilhado, estendido no chão pedrento, quase só esqueleto. Morto neste momento o velho babava uma gosma verde.” (Menezes, 1993, p. 102). Era seu avô.

Assunção sem saber o que fazer, clama as sua desgraça, a vida, má sorte, soluçando a perda de seu avô. Candunga vendo toda essa sena de dor, perda e miséria humana, nos faz vê os seus valores de homens no séc. XX, que ainda estaria porvir, há de indagar: o homem perdeu a sua humanidade? Há de se notar nos escritos de Bruno de Menezes, a esperança de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova mentalidade que devemos persegui-los em pleno séc. XX. Sobre o fragmento no romance, Candunga descreve essa passagem de mentalidade, travessias, traços, crises, identidades a serem descritas por um simples ato de humanidade. O protagonista, “[...] ele fica com tamanha pena, e num átimo, levantara a criatura aflita, que parecia querer se acabar também, agarrada ao cadáver. A moça gemera, naufragada: - “morreram todos... Agora, meu avô, o único bem que me restava... o que vai ser de mim?”...(Menezes, 1993, p. 102)

Candunga sobre um espírito sensível e humano, sente as dores da perda, por ser órfã e se um agregado da família de Gonzaga, o faz tomar uma atitude, ressaltamos se foi de consciência ou não, responderemos que as mesmas dores já havia passado em vida. “[...] A desvalida soluçava, ouvindo a tragédia narrativa. Numa resolução comovida, Candunga animou-a, tomando-lhe as mãos maltratadas: - “chore não, cê encontrou boas pessoas...” (Menezes, 1993, p. 102) Assunção “[...] em inconformado apelo, os lábios trêmulos e descorados, ela suspirara, num rôgo de tôda sua alma: - “Não me deixe mais não... Fique sempre mais eu... fique!”

Bakhtin (2010, p. 135), afirma que os enunciados dos falantes é social:

[...] o sujeito que fala no romance é um *homem essencialmente social* historicamente concreto e defino e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um “dialeto individual”. O caráter individual, e os destinos individuais e o discurso individuais são, por si mesmos, indiferentes para o romance. As particularidades da palavra dos personagens sempre prendem uma certa significação e uma certa difusão social: são linguagens visuais. Por iso, o discurso de um personagem também pode tornar-se fator de estratificação da linguagem, uma introdução ao plurilinguismo [...].

Esse desejo social historicamente concreto e defino pelo discurso, manifestações de uma linguagem social é o elo criador das dores humanas, pode ser o elo do amor, fidelidade e esperança, do acolher o próximo, do não olhar seus pecados, do não jogar pelos seus atos e valores. O ato de ter humanidade ainda está vivo? Em tempos desumanos e obscuros, o ato de estender as mãos aos próximos é um ato de coragem, valores e de humanidade. Valores éticos e morais em crise e já perdidos em nossa contemporaneidade. É o espírito e a alma humana pedidos na passagem do tempo em pleno séc. XX. São problemáticas dos (des)caminhos do herói personificada sobre os valores de um “novo homem”, uma nova mentalidade e uma nova sociedade em jogo. Um homem de ética, valores, dignidade, um cidadão de respeito, que não meça esforços para ajudar o seu semelhante é, a crise de nossos tempos. Enxergar e saber conviver com as inúmeras diferenças é um filtro sociocultural em decadência.

Neste sentido, “[...] Candunga levava-a para junto da tropa de Gonzaga, que vinha em busca de adjutório do governo.” (Menezes, 1993, p. 102) Por sua vez, “[...] o povão continuava, passando, como se nada estivesse acontecido, tão comum eram essas cenas naquele êxito infernal.” Sobre as

distintas realidades, Menezes (1993, p. 100-101), destaca o fenômeno:

[...] sêca malagourada. A vista do Pai Eterno, como a de certos cegos, não obstante sua limpidez, parecia volvida para a terra escaldante, sem enxergar um cristão. Preces, terços, coroinhas, promessas duras de pagar, tudo se tentava, para que o céu se comovesse e lagrimasse, ao menos, uma chuvinha milagrosa.

A realidade de um povo(s), as suplicas infernais elevam a crença religiosa como salvação e última esperança para homem são suplicas para um fenômeno natural em que as estiagens da seca, ceifam vidas, causam dores e mortes no sertão brasileiro. Há de mencionarmos o papel de Assunção sobre o jogo da trama,

[...] com a dolorosa história de Assunção, que Candunga, contara, Gonzaga e Tereza, reunindo fatos, concluíram que a retirante era a parenta que eles não contavam mais encontrar, naquele horror de fuga para o litoral.

[...] Identificaram-se nas vicissitudes; e Assunção, reunido-se ao grupo do cunhado, narra-lhes as amarguras que passaram, desde a morte do avô, até chegarem a Fortaleza e dali a Belém (Menezes, 1993, p. 105).

Em Belém, nas Zonas Bragantinas, sobre a proteção e ao encontro do grupo de Gonzaga, tecem sua desventura em um novo mundo, sobre uma nova realidade. No contexto amazônico, de terras úmidas, férteis para o plantio e práticas de manejo. Essa realidade, suspiram novas tramas em que “[...] Assunção melhorou depois que se juntou a seus parentes e fala mais à vontade, quando se dirige a Candunga, ou tem de se manifestar sôbre qualquer caso da viagem”. (Menezes, 1993, p. 115) superadas as perdas e um novo caminhar, o perseguem em busca de (re)construir e (re)começar a vida ao lado de seus familiares. [...] Assunção tivera preferência para cuidar dos afazeres caseiros, preparar a comida, lavar as roupas, dar de comer aos xerimbabos, que estavam começando a criar. (Menezes, 1993, p. 125)

Um novo modo de vida se arrastam sobre o novo espaço e tempo de luta. E Assunção, suplicam os determinismos de sua sorte, por ser uma jovem, com muitas vivências e experiências de vida. Vida estás, de perdas, dores, violações e barbáries. Fatos que o romance se apresentam como formas implícitas em vossas narrativas. Por essa razão, cumpre-se indagar e situar algumas passagens, pela qual Assunção em seu caminhar se arrasta em uma vida de desgraçada. Assunção, “[...] enquanto esperavam pela colheita, sempre com serviços a fazer, o padrinho e o afilhado, para não trazerem as mulheres ocupadas no campo, resolveram que Assunção, Ana e Josefa, fiquem na barraca, cuidando das cousas domésticas. (Menezes, 1993, p. 126) com objetivo de não expor, a tão angustiante realidade das matas, terras longínquas que o lote passado ao grupo de Gonzaga, para o cultivo. Gera muitas despesas, trabalho e tempo de serviço que custam as forças de todos do grupo familiar.

Em sua grande maioria, para viver de seu sustento, de sua produção, “Tereza acompanhara Gonzaga ao roçado, para apanhar uns legumes, e Ana e Josefa, mais Assunção, lidam no interior da habitação. (Menezes, 1993, p. 127) Justo neste dia, incomum, há uma visita inesperada do comerciante local, para verificar as condicionalidades do grupo assentado em seus lotes. Dessa forma, salienta Menezes, (1993, p. 126) que:

[...] Portuga expande-se à vista das raparigas:
- Ora viva as Três Garças! – exclama risonho.

[...] Assunção ficara abobalhada. A moça quer falar, dizer alguma coisa, oferecer um assento ao visitante, ir buscar uma caneta d’água e nada lhe ocorre. Sente a língua perra os movimentos paralisados.

- E você, Assunção, - repara Portuga. Olha que estás mais pálida

e magra, pequena!

[...]

Portuga expande-se à vista das raparigas:

- Ora viva as Três Garças! – exclama risonho. (Menezes, 1993, p. 126-127)

Os abusos e indiretas de Portuga às raparigas, são no sentido de convencê-las sobre as duras realidades que estavam passando, colocando-se a disposição para ajudá-lo:

João Portuga volta ao assunto, dizendo mais:

- Assunção também poderá ir ... Onde comem dois, come três

...

[...]

Assunção, temerosa de que tivesse de acompanhá-las.[...]

Portuga expande-se à vista das raparigas:

- Ora viva as Três Garças! – exclama risonho (Menezes, 1993, p. 142).

[...]

Assunção, entendendo-se com Tereza, não aceitara a proposta. Prefere ficar ali, ao lado dêles, que são a sua família, a abandoná-los e ir residir na “vila”, mesmo temporariamente (Menezes, 1993, p. 143).

Assunção, não corresponde as investidas de Portuga, em conversa com sua Irmã e sobre o aval de Gonzaga, decide ficar junto de sua família, opções contrárias de suas sobrinhas que preferiam ir morar com Portuga, com as permissões de seus pais. Situação que os agregados não concordam, porém não são vozes que possam dá opinião sobre que lhes acolheu, como agregados da família de Gonzaga e Tereza.

O destino de Assunção segue sobre os estágios da morte, orfandade pais e ser guiada pelo avô, do ser agregada a família de Gonzaga, o destino de ter em seus braços entes queridos que a vida o tirou, primeiro o avô que o criou, tombou em seu braço, “[...] - morreram todos ... Agora, meu avô, o único bem que me restava... (Menezes, 1993, p. 102) e , sua irmã, depois de muitas lutas em terras bragantinas, Assunção em um ato de fatos, cerra os olhos de sua irmã Tereza, “[...] Assunção cerra os olhos de Tereza, fixos no mistério da morte, e chora sem histerismos inúteis, como em casos idênticos.” (Menezes, 1993, p.207). Para Bakhtin (2010, p.135) define que “[...] o sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideologo* e suas palavras são sempre um *ideologema* [...]”

Assunção, já acostumada com tantas perdas, dores, modos de vida trágicos e miseráveis, formam e educam a psiquê e os modos de vida, na personagem Assunção. Porém uma das virtudes do ser criança, ser menina, ser mulher, são apagadas, quando a barbárie e abusos travam-lhe o destino, traumatizam a vida e lhes deixam um vazio na alma, carregada sobre as duras perdas que obteve e presenciou na vida. A “desgraçada” (Menezes, 1993, p. 212), pode ser fatos que anunciam os abusos sexuais de crianças, indícios e fatos correm sobre a narrativa do romance, sobre Assunção, destaca-se:

[...] E a imagem gentil de Assunção perpassa-lhe nas insônias e desejos. Seu coração reclama, Assunção êsse outro, para pulsarem juntos. Ele todo estremece à lembrança da mulher antegosada.

Batido por essas ânsias, quando, enfim, num cair de tarde, cheio de paz e suavidade, Assunção vai buscar água num riacho próximo, Candunga procura meios de avistar-se com ela, como se fosse causalmente.

Um pau-darço patriarcal esfolha as gêmeas soltas de suas flores esvoaçadas. Do mato em tórno vem um cheiro bravio, de resinas e folhas aromáticas machucadas. e´ como se a natureza se recolhesse, numa prese vespéral. Um casal de inhambús aninhados geme a sua despedida ao sol, que aponias. A moça,

como que embevecida, deixa-se envolver pelas emanações sugestivas do crepúsculo.

- Assunção, cê sozinha por aqui? - fala-lhe Candunga, aproximando-se.[...] (Menezes, 1993, p.211).

O interesse em não se casar com Candunga, esconde a barbárie da violação, abusos e exploração na e da infância de Assunção.

Essa voz indiscreta, num gesto de suto e medo, a interpelada volta-se e depara com apaixonado, que a fita amorosamente.

- Quero conversá com cê, Assunção – torna êle, com natural enleio.

- Mordi que não me falou lá em casa? Cê me vê todo dia ... - sussurra ela, olhos fitos na linfa azulada, que marulha entre seixos.

- É um pedido que quero fazê pra meu padrinho, como chefe de casa, mas antes preciso lhe ouvir, Assunção.

- Mas aqui no mato, Candunga?

- Não brinque não, Assunção, me ouça agora ... - Avança alguns passos e se chega ai seu bem querer. Ela encara-o, nos olhos e arfa o seio moreno, presa da emoção do momento. Candunga toma-lhe as mãos úmidas, de terem estado mergulhadas na água:

- Si cê quisesse, Assunção, bem nós podia sê feliz até o fim da vida ...

- Nos dois? ... Como assim? ... Não nascir pra sê feliz ...

Ranima-a na sua proposta:

- Sim ... nós mesmo, Assunção ... Depende de si ... diga ...

O que ela responde fere-lhe fundamente a lama:

- Podemos não, Candunga. Gosto muito de cê, como amigo, como irmão. Mas pra casá não desejo...

- Isto cê tem outro em vista, Assunção, cê gosta de arguem...

- Gosto não ... Lhe juro por Deus, pelas cinzas dos meus ... Hei de morrê sortêra, como Nossa Senhora quizé ...

[...]

Candunga lamenta-se:

- Eu é que não tenho ninguém ... Meus pensamentos são todinhos pra cê, Assunção ... Eu até já sonho com cê ... Imagine

...

[...]

E olhando-o com tristeza, os cílios molhados de lágrimas sinceras:

- Candunga, não posso sê sua mulher, nem de ninguém mais. Sou uma desgraçada. Cê me matava dispois ... Eu sei ...

[...]

O coração do enamorado bate forte. Seu espírito anseia sondar os motivos desta confissão inesperada. E é numa inquietação de todo o seus ser que êle indaga, condoído e interessado:

- Mas por isso, Assunção? ... O que lhe aconteceu?

[...]

Um soluço irreprimível sufoca a resposta que ela quer dar.

Candunga percebe-lhe a voz em gemidos:

- Não posso sê sua, não ... Não posso ... Só Deus terá epena de mim! Não posso não ... Não posso! ...

[...] acontecera o inevitável antes do encontro com a família de Gonzaga. Nem ela própria descrever como sucedera. Não havia se oferecido como tantas fazem. Recordava-se vagamente, que ao pernoitarem em certo pouso, à beira da estrada, fugindo aos azares da sêca, uma homem a chamara para o oitão da casa e lhe entregara um caçuá⁵ bem sortido.

5 Caçuá. substantivo masculino [Brasil] Cesto grande de cipó, vime etc., para cangalhas. Definição de Caçuá.

O avô já vinha tropegando de fraqueza. Ela sentia uma fome, de lhe roer o estomago. O cabra puxou-a pelo braço e foi dizendo: - não grita, não grita, senão eu expulso vocês daqui e os urubús comem teu pai” ...

Ela sentira um desfalecimento, uma tontura. Ficara como assombrada, quizera resistir, defender-se. Mas estava tão fraca. Tentara morder a cara barbada do homem. Depois não soubera de mais nada ...

[...]

[...] Candunga compreende a recusa de Assunção. E aconchegando-a ao peito forte, segreda-lhe com firmeza:

- Se importa não ... Eu lhe quero bem ... Cê não tem culpa de nada ... Chore mais não ... (Menezes, 1993, p.212-213)

São por essas barbáries e violações, que o maldito caçua serve como metáfora de um trauma da infância e do ser criança, o abuso e estupro, é a oferenda do banquete, matou a fome do homem e matou a alma e os sonhos de Maria Assunção. Fazendo menções a Bakhtin (2003, p.120) ressalta que:

[...] é esse o todo esteticamente significativo da vida interior do homem. A sua alma; está é ativamente criada e só se enforma positivamente e se conclui na categoria de *outro*, que permite afirmar positivamente a presença além do sentido-impertivo. A lama pe o todo fechado da vida interior, o qual é igual a si mesmo, coincide consigo mesmo e postula o ativismo amoroso distanciado do outro. A alma é uma dívida do meu espírito ao *outro*.

Dessa forma, neste artigo, se alcança a “alma” da fala da personagem Maria Assunção, no sentido de (re)construir, perceber em seus enunciados sugestões para alcance de nossa proposição inicial: A metáfora do Caçua, reflete uma mentalidade invisível e silenciada dos abusos e violações da infância e criança no romance Candunga 1954, no universo Amazônico do sec. XX. O romance demonstra de forma exitosa não só de Maria Assunção, como as filhas Ana e Josefa, bem com a de Tereza, comprada por Francisco Gonzaga. Condicionais da barbárie humana.

Assunção, segue seu (des)caminho, já “desgraçada” pela vida, por ser criança, não ter infância, por ser menina, nascer mulher em nosso país. No Brasil retrógrado, machista, nasce os abusos, busquemos transformar nossas mentalidades para não mais sofreremos as (in)visibilidades dos abusos narrados pelo romance. Assunção, personificação de tantas meninas, jovens, mulheres, de tantas tragédias lhe ocorreram, que por esse motivo, é retraída e no correr do romance sempre menciona que gente pobre, miserável nasceu para sofrer. Porém, inda não tinha visto o lado bom da vida e quando surge, o ar de desconfiança e pessimismo toma conta da personagem.

Dessa forma “Assunção, tendo Candunga compreendido o motivo de sua desdita, do seu sentimento, ficara mais reservada do que dantes. O rapaz fazia tudo para alegrá-la, demonstrando não se aperceber daquela infidelidade no seu amor.” (Menezes, 1993, p.215) Há de percebermos que a palavra “infidelidade” suaviza o fato e culpabiliza o violentador, porém o termo “caçua”, transborda significados e sentidos metafóricos, sobre o ato de exploração e violação sexual da menor Maria Assunção.

Sobre as investidas e aceitação de Candunga em busca de se casar com Assunção, outra tragédia se anuncia, fazendo parte de sua caminhada, tanto para Candunga, quanto para Assunção e as suas sobrinhas, Ana e Josefa. Vê o seu Gonzaga ser culpado pela morte de Portuga, por vingança, em destruir sua vida, família e abusar de suas filhas, uma das causa da morte de sua irmã Tereza. Assunção e Candunga, ambos agregados passam por mais perdas e o (des)núcleo familiar de uma herança maldita pare ter fim. A Herança de “famílias” de migrantes, forasteiros, grupos de pessoas que se deslocam por inúmeros motivos em busca de sobrevivência frente as tragédias naturais, sociais, físicas, estruturais, sistemáticas, de condicionais, psíquicas que parece não tem fim. Muitas famílias ao nosso redor passam sobre nós e nossa ignorância nos cegam. Já se questionou o porquê? Esse é o retrato de modos de vida, uma relação entre ficto/facto em que a arte literária

sugere para humanidade.

Resultados e discussões

O Romance Candunga 1954, descreve os perfis de uma natureza de diversas populações em diferentes regiões que constitui a miscigenação das raças em nosso Brasil. A herança da hibridação populacional, ressalta e se manifesta no romance, sobre ato de descrever tipos, modos e perfis de famílias, em suas mais diversas condições desumanas, sociais, de vulnerabilidade e exploração do ser humano.

Submetidas à migração em zonas agrícolas, campestres, periféricas e grandes metrópoles de nossas regiões que exploram as condições de trabalho desumanos em diversos territórios, sobre as leis de um pequeno grupo de senhores, coronéis, jagunços e mandatários locais. Obviamente, cabe ao leitor, receptor observar e atualizador de mentalidades circunscrever as alíneas (in)visíveis dessa exploração. Bakhtin (2003, p. 136) o leitor é um “auto-informe-confissão”, pois tem o papel de “co-criar com o autor”:

[...] com os olhos de quem ele o lê nossa percepção desse informe tenderá inevitavelmente para a sua estetização. Sob esse enfoque, a confissão se apresentará como matéria bruta para um eventual elaboração estética, para o eventual conteúdo de uma eventual obra de arte (biográfica, em termos mais imediatos). Lendo a confissão com nossos próprios olhos, acrescentamos uma posição axiológica de distância em relação ao sujeito do auto-informe-confissão com todas as possibilidades relacionadas a essa posição, inserimos toda uma série de elementos transgredientes: damas importância de acabamento ao final e a outros elementos (pois estamos temporariamente de fora), lançamos o fundo (percebemos tudo na determinidade da época e da situação histórica, se isso é do nosso conhecimento, e, por último, simplesmente percebemos sobre o fundo daquilo que conhecemos melhor), colocamos no espaço abrangente elementos particulares da realização, etc. De todos esses elementos do excedente trazidos de fora pela percepção pode desdobrar-se uma forma esteticamente acabada de obra. O contemplador começa a tender para a autoria, o sujeito do auto-informa-confissão se torna personagem (é claro que aqui o espectador não co-cria como o autor, como na percepção de uma obra de arte, mas realiza um ato criador primário, primitivo).

É sobre esse universo de (re)criar sentidos outros, que estabelecemos as vibrações e energias voltadas aos enunciados discursivos que se apresentam sobre as falas, contextos, discursos, ideologias e manifestação sociais, denunciativas, problemáticas e crises existenciais, descrita sobre o “espelho social” em Maria Assunção. Foco e representação das realidades de explorações, violações e barbáries humanas. Modos de vida, representados por muitas realidades de populações das águas, das florestas, de muitos vilarejos, povoados, colônias agrícolas, cooperativas, associações que se formam em polos de desenvolvimento. Com um sonho de menções de progresso de uma região, cidade, localidade, sobre as forças dos fluxos de capitais, assinalando as estratégias de exploração do “homem capital”, rebento de grupos de migrações de famílias e pessoas que se lançam em buscas de melhores condições de sobrevivência.

Essa realidade, são narradas pelos grupos de nordestinos, representantes das metáforas de muitos grupos de imigrantes que deixam suas terras e se jogam no mundo, na esperança de tecerem um novo amanhã. Porém, essas experiências e aventuras são carregadas das heranças de um povo sofrido, de dores, magoas, angústias, perdas, silêncios, invisibilidade, opressão, medo, exploração e barbárie humana. Um exemplo dessa realidade é a personagem Maria Assunção que no romance apresenta a sua saga, temores, dores e perdas, perdas de uma heroína corroída pelo

tempo, mentalidade e condicionalidade em que a trama ficcional narrativa autodescreve e retrata a sua angustiante desesperança enquanto mulher.

Em um processo de migração essas condicionalidades se dilaceram, se destrói, desune, se distribui enquanto objeto em desalma, condições do ser inexistente, silenciado, apagado da história, sem vez e nem voz. São descortinados pelas vozes polifônicas em que a arte, ficção, o romance, a literatura empresta seu olhar, para emergir sentidos e fomentar sua autonomia reflexiva e denunciativa, marcados no tempo e espaço enquanto fontes. Deixando os vestígios de um discurso, narrativas, enunciados que poder ser vistos, consultados, pesquisados enquanto fonte documental que passa ser a ficção.

Os registros ficam grafados na história, reflete o perfil de uma sociedade, mentalidades e modelos sociais, que se sustentam sobre uma época e seus distintos ambientes. O efeito desse inferno rural e migratório, da prole de Gonzaga em destruição, se dissolve no ar, sobre as forças dos mandatários locais. Essa ideia de energia discursiva e social do herói vibra indignação. Para Bakhtin (2015, p. 195) como “[...] os discursos dos heróis, que no romance têm esse ou aquele grau de independência verbo-semântica, sendo por seu horizonte um discurso do outro na linguagem do outro, podem também refratar as intenções do autor e, por conseguinte, ser até certo ponto uma segunda linguagem do autor”.

Porém, a força que se impõe sobre a personagem Maria Assunção, ecoa sobre as vozes denunciativas dos desgarrados na vida, da órfã, do agregado, por que não dizer, dos desgraçados. Símbolo da esperança e do devir de mentalidades em crise de consciência do ser homem, do ser mulher, do nascer menino(a), do ter infância, do ser criança, do ser órfãs, do (re)construir ou formar famílias, do pertencer a grupos ou fazer parte como agregados. O moderno, o ser moderno, o novo homem, o ser em crise descrito no romance implicam condições que o romance traz a tona enquanto narrativa.

O ser em movência e inquietude, cria uma nova prole, família, sociedade, valores, dignidade, ideologia, política, formas e moldes de poderes, nas mais distintas experiências e contextos, sejam estes dos passados, os vividos e os já superadas. O que a devir em Maria Assunção, são suspiros de liberdade, resiliência humana, mudanças sobre os atos de sobreviver em terras alheias e suas estratégias de explorações humanas que com acesso a informações, não assustam e pode ser combatidas e superadas em nossa contemporaneidade.

A união, o laço, a vidada de tempo e espaço, suas mentalidades, pode ser refletidas sobre o matrimônio dos condenados da terra, Antonio Candunga e Maria Assunção no romance, na Terra da Promissão, é a metáfora da esperança humana, pode ser legitimadas enquanto metáforas de uma “mentalidade da esperança”, da presença dos homens e mulheres em pleno séc. XX. Reflexo de uma universalidade de crises sociais e humanas em todo mundo. Depois de muitas, perdas, dores e lutas, Assunção reluta aos aceite e as investidas de casamento de Candunga:

[...] - Candunga ... faça como cê quizê ... Eu estou por tudo ...
Se minha sorte é essa ... Será o que Deus mandá na vida da gente ...

[...]

O cartório transbordava de curiosos, que diziam de bem e de mal dos nubentes. Assunção, no seu vestido branco e floco, que lhe realça as formas atraentes, tem o olhar expressivo e os cabelos penteados com singeleza. Candunga é gabado pelas moças e matronas experimentadas, como um forte e desenvolvido exemplar de homem.

[...]

O adjunto de promotor está presente. O oficial do registro lê num grosso livrom escriturado com uma caligrafia bem arrumada, para mais de página e meia, os assentamentos de praxe. O adjunto faz as perguntas de lei, Se ambos estavam ali, para aquele ato, de livre e espontânea vontade e se eles se aceitavam como marido e mulher.

Candunga e Assunção respondem afirmativamente, sem olharem um para o outro, os rostos afogueados, ansiosos

que aquilo tudo terminasse. Em seguida, o adjunto, com uma importância compenetrada, manda que eles assinem no livro, na linha assinalada e mais as testemunhas que vieram, áto êsse provocador de pilheirias, pela demora em serem rascunhadas as assinaturas, por mãos habituadas ao trabalho duro e não ao uso das canetas.” (Menezes, 1993, p. 232-233)

Sobre a “união daquelas almas simples” (Menezes, 1993, p.234), retirantes, sofredores, imigrantes, agregados, gentes, órfãs, criados para sofrer e para o trabalho, são negados os direito e dignidade desconhecer outros mundos, outras realidades e outras mentalidades de vida. Essa realidade grande levas de tipos e modos de vida e os típicos de processo de marginalização social, onde grupos de pessoas e famílias, são afastados dos centros urbanos, do progresso e são lançados as margens, nas fronteiras, vistos em entreligares da vida sociocultural invisíveis, silenciados e vulneráveis de condições humanas.

Em nosso país os níveis de analfabetismo, acesso a informação, dignidade, distribuição de terras, divisão salarial e do trabalho, poderiam fazer a diferença para uma vida mais digna, respeitosa, digna, valores mais humanos e de igualdade de direitos. Porém os inúmeros problemas sociais, culturais, ideológicos, econômicos, políticos, humanos e naturais, a essas proles pesam mais pois não tem acesso e não fazem parte dos “privilégios sociais”. Os poder(es) que legitimam no meio social, acabam por filtrar, selecionar e classificar por classes, níveis de civilidade, progresso e modernidade as classes. E as “classes menos favorecidas” socialmente, são alienadas e tidas como massa de manobras sociais. Essa ausência de acesso é uma das inúmeras condicionantes que se asseveram no jgo do opressor e oprimido frente aos poderes do “uso das canetas” (Menezes, 1993, p.233)

Portanto, Assunção, segue rumo ao centro, “[...] Candunga, de roupa nova e Assunção, com outro vestido de primeira mão, sobem para os cavalos pacherretos, levando a amortalhadeira na garupa da retirante.” (Menezes, 1993, p. 234) uma nova realidade, uma nova família, uma nova união, uma nova esperança para ser mulher, para ser homem, para o ser humano, nos são sugeridas. Por fim, o ato de “união” de duas almas simples, é a (re)construção de sua própria vida, história, mentalidade, sociedade, humanidade, esperança sobre o ato de (re)construir e tecer um novo porvir.

Para Bakhtin (2010,p.139), aponta que:

O tema do sujeito que fala tem um peso imenso na vida cotidiana. Ouve-se, no cotidiano, a cada passo, falar o sujeito que fala e daquilo que ele fala. Pode-se mesmo dizer: fala-se no cotidiano sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem – transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou informações; indigna-se ou concorda-se com elas, refere-se a elas, etc.

O sujeito de fala são os enunciados discursivos de Maria Assunção, buscou-se sugerir aspectos de sua infância e criança, a partir das narrativas do romance, no sentido de compreendermos o seu trama, drama, dores, perdas, lutas, miséria, desgraça e por fim a esperança, a lux, o amor, uma família, uma nova mentalidade frente a realidade já superada ou em processo de apagamentos. Enfim, um novo “núcleo familiar” em pleno séc. XX surge para da vida a um novo ser em sociedade, na esperança de seres humanos melhores e com outras mentalidade.

Por fim, sugeri-se sobre o romance, um ato de refletirmos o que anuncia no fragmento a seguir, enquanto provocação denunciativa sobre o fenômeno da migração nordestina na zona bragantina, deixando-o aberto a pesquisadores, estudiosos, leitores e quem tenham coragem de se aprofundar no romance e compreender, muitas das coisas que ainda ficaram a ser ditas, pelo não dito no romance. Ressalta-se o fluxo migratório e suas estratégias de exploração humana:

Deslocando-se vários grupos desses êxito para a Amazônia, desembarcaram, via marítima, em Belém, algumas dezenas de retirantes, que vinham oficialmente amparados pelo Ministério da Agricultura, sob recomendações assistenciais e auxílios complementares na interventoria estadual.

Como habitualmente sucede, a zona da Estrada de Ferro de Bragança se tornou tradicional na localização distribuição desses elementos adventícios, que, quando tangidos do ambiente sertanejo, pelas alternativas climatéricas, procuram a Amazônia como asilo temporário de trabalho (Menezes, 1993, p. 90).

Na barbárie e sobre a tragédia humana, há uma Maria Assunção em silêncio e invisível aos olhos sociais. Em nossas retinas que se abrem e se fecham diariamente, há quantas Marias Assunção passando (in)visíveis entre nós?

Considerações finais

Há de se notar que sobre as narrativas do romance *Candunga (1954)*, de Bruno de Menezes (1803-1963), as imagens de uma mentalidade que sangra o ser humano sobre uma verdadeira desigualdade, são espelhando por todo país, a herança eurocêntrica que explora, condena e escravizam o ser humano de diversas formas e sobre as mais variadas condicionalidades humanas, de tal forma, que o deixam sem respirar.

Os agregados, escrevem uma nova história, agora Maria Assunção em união com Candunga, buscam sobreviver e (re)criar uma “nova prole”. Candunga ao dirigir e continuar a vossos serviços de fiscalizações na colônia, concebe a missão de legitimar um novo legado, suas práticas ideologias ganham o espelho e a mentalidade de seu ex-chefe Romario. O agrônomo era seu mestre e por forças maior, sai de sena, para dar autonomia a Candunga no enfrentamento e no desenvolvimento dos serviços de demarcação e fiscalização agrícola.

Na fala de Romario, fica evidente essa passagem:

Romario sorri discretamente e remata a conversa, com palavras nascidas do seu idealismo:

- Veja lá isso, Candunga. Diga a Gonzaga que tome conta do que é dêle. A terra, o pão, o bem-estar, cabem a vocês ... Não há homens pobres: existe uma partilha mal feita, do que deveria ser de todos. Um dia você compreenderá isso. Requeira a metade do terreno onde vocês estão, para ser demarcado. Trabalhem como homens, para não serem explorados. Observem o plantio das culturas como se deve fazer. Basta de rotina, de cansar as terras e depois abandoná-las. Assim vocês continuarão sempre explorando. Aqui, tudo quanto se planta, grela e dá fruto. Vá, convença Assunção e case logo. Mande as folhas dos contratos para serem pagas. (Menezes, 1993, p. 182)

Portanto, cria-se para novo núcleo familiar, Maria Assunção e Antonio Candunga, uma linha de conduta de legalidade, justiça, direitos, deveres e obrigações com seu povo, com sua gente, com seu próximo e consigo mesmo. Os heróis em descaminhos, em crise, agora em equilíbrio. Defendem as lutas e bandeiras dos proletários, atento as leis e as reivindicações de lutas trabalhistas, buscando direitos e deveres, bem como, produzindo valores as novas gerações de sua vila, povoado e colônias agrícolas.

Por fim, Assunção e Candunga, caminham sobre um novo uma nova mentalidade e formação humana, formando, educado e reagindo contras as condições de explorações, violações e barbárie no interior, das Zonas Bragantinas, no Estado do Pará. Se faz jus mencionar Menezes (1993, p. 90) em que cita que foi “[...] através da criação de Colonias Agrícolas Modelo, onde o Estado corrija os clássicos processos de povoamento precário, e o homem possa viver num clima de dignidade, com o produto de seu trabalho e a satisfação de suas necessidades elementares [...]”.

Há vida, há esperança, há infância, há uma criança, há uma mentalidade em devir. Até quando quantas “Maria Assunção”, terão que passar por isso!!!

Referencias

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6.ed. São Paulo. Unesp: Hucitec, 2010;

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atl. MINAYO, Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 28.ed. - Pétropolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LUKÁCS, George. **Reboquismo e dialética: uma resposta aos críticos de 'história e consciência de classe' / György Lukács; tradução Nélio Schneider; Michel Lowy; Nicolas Tertulin**. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2015.

MARCÍLIO, Maria Luiza, 1937-. **História social da criança abandonada / Maria Luiza Marcílio**, - 3. ed. - São Paulo: Hucitec, 2019.

MENEZES, Bruno de. **Obras completas de Bruno de Menezes**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; Conselho Estadual de Cultura, 1993, v. 2, Folclore. (Lendo o Para, 14).

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**, tradução de Mônica Costa Netto. - São Paulo: EXO experimental org.: Ed. 34, 2005.

RIZZINI, Irene. **O século perdido : raízes históricas das políticas para infância no Brasil / Irene Rizzini**. - 3. ed - São Paulo : Cortez, 2011.

SARGE. Maria de Nazaré, **Belém: Riquezas produzidas a Belle-époque (1870-1912) / Maria de Nazaré Sarge**. - Belém: Paka-Tatu. 2000.

TORZONI-REIS. Marília Freitas de Campos, **Infância, escola e pobreza: ficção e realidade / Marília Freitas de Campos Torzoni-Reis**. - Campinas. SP: Autores Associados, 2002. - (Coleção educação contemporânea).

Recebido em 18 de dezembro de 2023.

Aceito em 23 de fevereiro de 2024.